

RESENHA

Flavya Mutran Pereira

ZUM ZUM ZUM na cena cultural brasileira

Resumo

Este texto resenha a revista *ZUM*, publicação semestral do Instituto Moreira Sales. Aspectos como a produção, distribuição, linha editorial e a importância da referida publicação no cenário artístico e cultural brasileiro serão enfocados segundo abordagem crítica e histórica.

Palavras-chave

Arte Contemporânea. Fotografia. Revista *ZUM*.

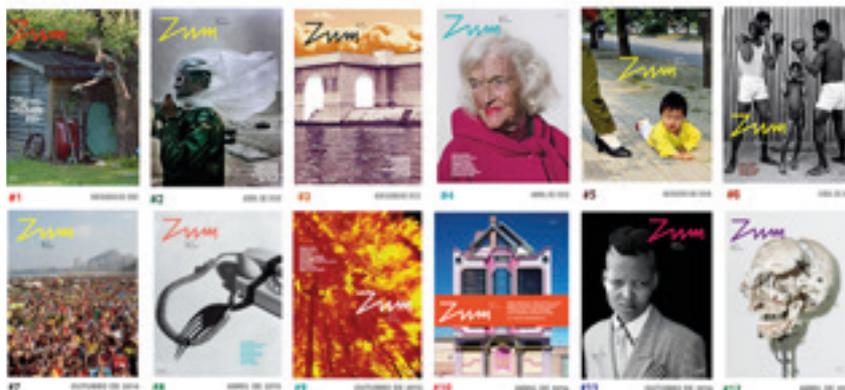
Como citar:

PEREIRA, Flavya Mutran. *ZUM ZUM ZUM na cena cultural brasileira*. *Porto Arte: Revista de Artes Visuais*. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, v. 23, n. 38, p.1-10, jan.-jun. 2018. e-ISSN 2179-8001. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/2179-8001.75791>

Em outubro de 2011, o Brasil ganhou um novo veículo que chegou com a intenção de acelerar a circulação de imagens e informações sobre o universo da fotografia contemporânea: a *ZUM*, revista semestral do Instituto Moreira Sales (IMS), entidade dedicada ao desenvolvimento e promoção de programas culturais para as áreas de fotografia, literatura, bibliotecas, artes plásticas e música brasileira.

Em seu primeiro editorial, *ZUM* apresentava-se como um campo de debates para a fotografia contemporânea, prometendo dedicar-se à reflexão crítica, entrecruzando a fotografia com as áreas da literatura, do cinema e de outras formas de expressão artística. Não decepcionou. Desde o início trouxe para o primeiro plano a fala do autor, seja ele o fotógrafo consagrado ou iniciante, o editor ou o articulador de opiniões, que em algum momento foi capaz de produzir um ponto de vista singular entre as tão massificadas opiniões que circulam na mídia, ou mesmo pelos corredores de instituições culturais.

Figura 1. Capas das 12 edições da revista *ZUM*, publicação dedicada à Fotografia editada pelo Instituto Moreira Sales, no Brasil. Fonte: <https://revistazum.com.br/sumarios/>



As edições semestrais são lançadas em abril e outubro, com distribuição nacional em livrarias, bancas de revistas ou Pontos de Cultura espalhados Brasil afora. Pode-se adquiri-la também diretamente pelo site do IMS¹. Com doze números já publicados e média de 180 páginas por edição - elegantemente organizadas e impressas em alto padrão de qualidade -, a revista conta com um *staff* respeitável de colaboradores de várias vertentes das artes visuais contemporânea internacional. A linha editorial demonstra clara predileção por temas atuais, mas também aposta na pesquisa e veiculação de ensaios e

1. Edições da *ZUM* In URL: http://lojadoims.com.br/ims/categoria.cfm?id_categoria=42

entrevistas históricas, inéditas ou pouco conhecidas, de nomes como Jeff Wall, Miguel Rio Branco, Henri Cartier-Bresson, Richard Avedon, Rosângela Rennó, só para citar alguns.

O diferencial da *ZUM* é justamente o investimento em pesquisa histórica, crítica e o senso de experimentalismo articulados com competência. Seja tratando de clássicos ou da nova geração, os ensaios fotográficos e os críticos-textuais são apresentados de forma livre, muitas vezes em primeira pessoa, na voz de um narrador fictício ou na sombra de um interlocutor anônimo. Temporalidades formais são conjugadas no sentido poético tão próprio ao universo da arte, onde passado, presente e futuro se misturam como planos cinematográficos disjuntivos. Os ensaios “*A não história de um chofer*” e “*Reflexões críticas e sinceras sobre a fotografia*”, de Alair Gomes, em 1976 (encartados na *ZUM* #6), são ótimos exemplos de como é possível apresentar novidades na obra de autor já falecido, além de demonstrar o quanto a teoria e a prática artística não são linhas desconectadas, evidenciando o olhar ainda atual e a originalidade do espírito crítico do artista.

Outro exemplo arrítmico de edição é a tardia, mas oportuna, tradução para o português do clássico, provocador e emblemático “*O instante decisivo*”, de Henri Cartier-Bresson, publicado no primeiro número da revista. Originalmente lançado em 1952, no livro *Images à la sauvette*, este testemunho de Bresson é um marco na história da fotografia mundial, e sua reedição de certa forma atualiza o debate sobre o que há de objetividade e ficcionalização na imagem fotográfica, numa época onde o valor documental da fotografia está claramente sob suspeita.

E, até que ponto, o que vemos independe do que acreditamos? É despindo a fotografia dos muitos proclames que lhes foram atribuídos ao longo de quase dois séculos que a revista interpela nomes como do premiado fotógrafo Norte Americano Robert Frank - hoje recluso declarado do mundo das imagens -, e o convida para apresentar suas polaroides cotidianas. Ao mesmo tempo, o escritor Geoff Dyer polemiza a menção honrosa de uma premiação em fotojornalismo atribuída à série de imagens realizadas pelos dispositivos automatizados dos carros do Google, confrontando claramente o olhar emotivo com o ponto de vista impessoal (*ZUM*#1).

Com a afirmação de que “Falsas ideias grudam nas fotografias como moscas num papel mata-moscas”, Errol Morris anuncia aos quatro ventos o nomadismo das certezas ideológicas que insistem em aderir à fotografia como se fossem verdades irrefutáveis. Já Terry Castle, tenta extrair uma centelha de



Figura 2. Apesar de não se tratar de periódicos voltados especificamente para a área da fotografia, as revistas *O Cruzeiro* (1978-1975), *Manchete* (1952-2000) e *Realidade* (1966-1976) foram muito importantes para implementação da cultura visual brasileira do século XX. Reproduções.

humor com uma busca improvável pelo punctum Barthesiano em sua coleção de fotografias anônimas (ZUM#2).



Figura 3. Capas das revistas *IRIS Foto* (N. 01, de 1946) e *Novidades Fotóptica*, títulos dedicados à Fotografia que influenciaram várias gerações de fotógrafos pelo Brasil. Reproduções.

Fricções, mais que ficções, são bem-vindas ou bem-vistas na *ZUM*. As imagens autorreferentes e sombrias de Francesca Woodman se avizinham às peregrinações do paraense Guy Veloso em busca dos penitentes religiosos pelo interior do Brasil (ZUM#3). Por outra, as viagens em família de Rosângela Rennó, as deambulações pernambucanas de Bárbara Wagner ou as notações pontuais do cineasta alemão Win Wenders criam teias panorâmicas em metrópoles atemporais (ZUM#4).

Embalada pelo levante popular dos protestos iniciados com o movimento Passe Livre, de junho de 2013, o quinto número da revista integrou-se ao debate político da época de uma forma totalmente diferenciada da cobertura da imprensa geral, dando espaço para as imagens que emergiram das coberturas fotográficas voluntárias das passeatas. Com fotografias que destacam indivíduos em meio à multidão, o coletivo Cia de Foto conseguiu os registros violentos que banalizaram a cobertura das manifestações de rua na grande imprensa, e publicou um dos seus últimos trabalhos em forma de cartazes (encarte da ZUM#5).

Na vanguarda crítica que costuma caracterizar canais de pensamento revolucionário, o ensaio de Mauricio Puls, “Verdadeiro ou Falso”, expõe a secular manipulação ideológica da imprensa ao analisar as discrepâncias entre imagem e legenda que alteraram fatos históricos recentes, ilustrados por exemplos de Dilma Rousseff, Getúlio Vargas e até mesmo Rivellino, ídolo do esporte dos anos 1970. “A veracidade das fotografias é um dogma de fé”, afirma o autor, e certas crenças se fortalecem pelo que os olhos se corrompem de legendas (#ZUM 12).

Pensadores provocativos como o catalão Joan Fontcuberta, ou o crítico de primeira hora dos rumos do novo fotojornalismo digital como Fred Ritchin, encarregam-se de semear mais dúvidas que certezas nos rumos da imagem numérica. Mas há espaço também para **conversas decisivas, como a rara** entrevista que o sociólogo Pierre Bourdieu concedeu já no fim de sua vida, comentando como a fotografia o ajudou a definir o cerne de sua compreensão sociológica do mundo. De grão em grão, ou de pixel em pixel, a fotografia vai espalhando peças de um quebra-cabeças infinito sobre o homem e seu tempo. A *ZUM* tem dado uma valorosa contribuição no panorama atual sociopolítico e cultural, alimentando uma tímida tradição de pouco mais de 40 anos, onde uma

série de publicações de revistas ilustradas foi responsável pelo que considero uma espécie de herança foto-afetiva do povo brasileiro.

Historicamente, ainda que não haja muito material reunido sobre o assunto, é quase um consenso reconhecer a influência que os periódicos – sejam revistas, jornais ou catálogos institucionais –, tiveram na formação de vários segmentos da Fotografia no Brasil, principalmente no que se refere à produção fora do eixo Rio-São Paulo, onde uma publicação impressa ainda era uma forma portátil e relativamente fácil de circulação. Através desses veículos, tornou-se possível o acesso às informações sobre exposições, novidades em equipamentos e materiais, publicações, modismos e também às formas de apresentação e expografia plástica, em voga em períodos diferentes.

Para as pesquisadoras Angela Magalhães e Nadja Peregrino, foi na primeira metade do século XX que revistas ilustradas ganharam relevância no cenário cultural brasileiro, articulando fotografia e texto, embora sem a construção intencional de uma narrativa visual. O pioneirismo da *Revista da Semana* (1900-1959) é citado pelas autoras como a revista que mais soube tirar partido da força expressiva da fotografia neste período, tanto produzindo *in loco* quanto simulando cenas em estúdio para divulgar suas reportagens. Outras publicações listadas são *Ilustração Brasileira* (1901-1902), *Kósmos* (1904-1909), *Sombra* (1940-1960), *Careta* (1908-1960), *Fon-Fon* (1907-1958), *Para Todos* (1918-1932), *A Scena Muda* (1921-1955) e *Cigarra* (1914-1956). É porém, na revista *São Paulo*, lançada em 1935, que a fotografia aparece com um projeto gráfico inovador, “no qual fotomontagens, legendas e pequenos textos são articulados através de uma diagramação moderna semelhante ao influente construtivismo russo (1917)”². Nesse contexto histórico, as autoras indicam que o estilo de matéria tipo fotoensaio surgiu pioneiramente na Alemanha entre os anos de 1928 e 1930, e só a viria influenciar as publicações nacionais com as inesquecíveis matérias de Jean Manzon para a revista *O Cruzeiro* (1928-1975), editada pelo *Diários Associados de Assis Chateaubriand*, que contava também com o talento de fotógrafos como José Medeiros, Pierre Verger ou Flávio Damm. A revista semanal *Manchete* (1952-2000), publicada pela *Bloch Editores*, também cedeu espaço para fotorreportagens, dando destaque ao material visual em relação ao conteúdo textual e seguindo a linha editorial da revista norte-americana *LIFE*, que até o final dos anos 1970 ditou regras em relação à construção de narrativas visuais para periódicos mundo afora. Somente para finalizar o segmento das publicações jornalísticas mais influentes no cenário brasileiro até os anos 1970, destaca-se a revista *Realidade* (Editora Abril), que para Magalhães e Peregrino foi uma experiência editorial memorável para o campo jornalístico brasileiro. Lançada em 1966, e inspirada na francesa *Realité*,

2. MAGALHÃES e PEREGRINO, 2004, p.54.

a revista possibilitou um tipo de abordagem incomum para o momento histórico nacional, “mostrando a aguda habilidade e capacidade de seus profissionais em mergulhar na ficção sem jamais perder a inventividade e o humor”³.

3. Idem, p.60.

Embora tenham dado espaço para ensaios visuais de alta qualidade e hoje reconhecido valor histórico, nenhuma das revistas citadas era especificamente voltada para a produção artística e autoral como a *ZUM*. A publicação que provavelmente mais se aproxime desse viés ensaísta tenha sido a extinta e emblemática *IRIS Foto*, comercializada no Brasil pela Editora Iris Ltda., entre os anos de 1947 e 1999. A longevidade da *IRIS Foto*, no entanto, não foi capaz de firmá-la como uma publicação de padrão editorial convincente, oscilando entre matérias de cunho técnico e institucional, ilustrada por portfólios de temáticas e qualidade bastante irregulares, muitas páginas e rodapés de anúncios comerciais e esporadicamente algum texto crítico ou conceitual podia ser encontrado. Talvez isso se deva ao tão diversificado público consumidor da revista, que de tão amplo, num país de dimensões continentais como o Brasil, tenha dificultado definir a linha de atuação da revista.

O apogeu da *IRIS Foto* se deu entre os anos de 1980 e 1990, época da participação de críticos como Stefania Bril, que para o historiador Ricardo Mendes (2003) foi uma das maiores responsáveis por apresentar de forma mais contínua ao grande público o pensamento crítico de autores como Roland Barthes, Susan Sontag, Vilém Flusser, mesmo citando pensamentos referenciais para o campo como os até hoje discutidos conceitos Benjaminianos. Nomes como o de Rubens Fernandes Jr., Boris Kossoy, Thales Trigo, Ivan Lima e Simonetta Persichetti também colaboraram com artigos, traduções e reportagens neste período.

Por volta dos anos 1960, a sessão de portfólios da *IRIS Foto* chegou a dar espaço para muitos Fotoclubes, e mais tarde, já sobre a tutela dos colaboradores citados, a revista publicava ensaios visuais de jovens artistas como Cassio Vasconcelos e Fernanda Magalhães, não necessariamente autores do campo profissional, seja jornalístico ou publicitário.

Fechando a lista de publicações que para o historiador Ricardo Mendes corresponde a fase de “primeira detenção da História da Fotografia brasileira”⁴, cito a revista *Novidades Fotóptica* (1979-1996), tida como uma evolução no tipo de publicação periódica voltada para a Fotografia, e talvez a que mais tenha alguma semelhança com a *ZUM*.

4. MENDES, 2003, p.195.

Fundada em 1930 pela família húngara Farkas, a empresa *Fotóptica* é voltada para o varejo de equipamentos e materiais fotográficos e óticos no Brasil. Após o falecimento do pai, em 1969, Thomaz Farkas assume a empresa e já nesta época tinha ampla atuação no meio cultural paulistano, sendo ligado à fotografia em vários movimentos artísticos, fotoclubistas e profissionais. Tido como um dos pioneiros da fotografia moderna no país, Farkas

também foi professor, crítico e integrou conselhos curatoriais da coleção Pirelli MASP, também curou mostras para o MAM-SP. Atuou como produtor, patrocinador e diretor de cinema em documentários sobre a cultura popular, entre eles o premiado projeto conhecido como Caravana Farkas, que reuniu cineastas profissionais e amadores como Paulo Gil Soares (1935), Maurice Capovilla (1936), Eduardo Escorel (1945) e o fotógrafo Affonso Beato (1941), até hoje tidos como filmes de referência para o cinema nacional.

Aproveitando o sucesso da marca *Fotóptica*, Farkas lança, junto ao novo catálogo de produtos da empresa, a revista *Novidades Fotóptica*, em 1970, e nove anos mais tarde Farkas inaugura a Galeria *Fotóptica*, primeira especializada em fotografia no Brasil, com sede em São Paulo capital. Por se tratar de uma publicação sem fins lucrativos diretos ligada à instituição particular, a revista da *Fotóptica* teve total liberdade editorial e abriu espaço para trabalhos fotográficos que articulavam textos mais investigativos, autorais e poéticos. Outra empresa que também lançou uma revista institucional no final do século XX foi a *Good Year* (1985-1992), com belos exemplares trimestrais que abriam várias páginas para imagens, remunerando muito bem seus artistas convidados.

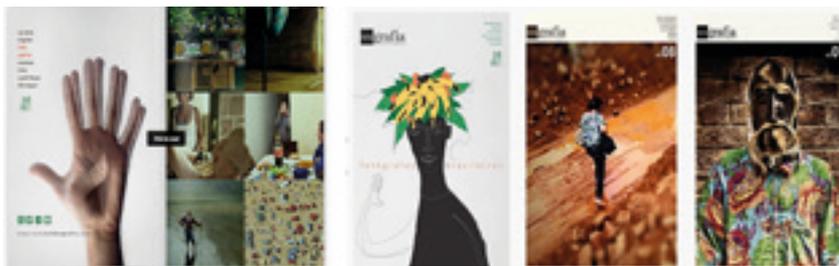


Figura 4: Com nove números publicados desde 2009, a revista digital catarinense *Foto Grafia* é destaque entre as iniciativas voltadas para a difusão da Fotografia autoral produzida no Brasil. Fonte: https://issuu.com/foto_grafia

É importante destacar que, a partir dos anos 1990, a chamada Era Collor abre as reservas de mercado para produtos e serviços estrangeiros, e um grande volume de publicações de diferentes bandeiras entram no Brasil a preço mais competitivo e larga distribuição. Desastrosamente, é neste mesmo programa de governo que uma reforma administrativa decreta o fim de Fundações Culturais como a *Funarte*, *Fundacen*, *Fundação do Cinema Brasileiro (FCB)* e *Embrafilme*, desmantelando uma já consolidada rede de programas que atuavam como fomentadores e agregadores interestaduais do setor de fotografia e cinema nacional, com destaque para os eventos regionais como as Semanas de Fotografia da FUNARTE, que geraram muitas exposições, oficinas, mesas redondas e, eventualmente, modestas publicações fotográficas. Essa abrupta ruptura, gerada pelos poucos meses de mandato do presidente Collor, deixou como consequência mais nociva um perverso ciclo que julga e condena as instituições públicas culturais com um preconceituoso rótulo de ineficiência, tomando

5. BOTELHO, 2000, p.20.

a área cultural como “passível de se autossustentar, e o mercado seria, então, o fiel da balança, o juiz maior da qualidade da produção artística.”⁵

É nesse ambiente que também ocorreu uma mudança na legislação de benefícios fiscais que visam alterar a forma de participação do Estado Federativo, Estadual ou Municipal para a área cultural, atraindo recursos da área privada e empresarial para os setores ligados às artes. Precedida pela experiência um tanto nebulosa da Lei Sarney (de 1986 e extinta em 1990), a Lei Rouanet foi aprovada pelo Congresso Nacional em 1991, e em seguida foi criada a Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC), formada por representantes do governo e de entidades culturais, com a intenção de imprimir mais rigor para que a captação de recursos financeiros junto às instituições privadas fosse mais transparente, com auditorias, publicações no Diário Oficial da União e processos de prestação de contas acompanhados por empresas de auditoria independentes registradas na Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Um grande aporte financeiro passa então a ser injetado no setor cultural, embora essa distribuição de recursos não tenha se dado de forma igualitária e tão transparente assim como era desejável.

Justamente em 1990, Walther Moreira Sales funda o Instituto Moreira Sales, com a declarada preferência por atuar em iniciativas que eles mesmos concebem e executam, contrapondo-se à prática do mecenato tradicional à época. Desde então, há mais de vinte anos, a instituição vem priorizando projetos de médio e longo prazo, incluindo investimentos em três Centros Culturais (Rio de Janeiro, São Paulo e Poços de Caldas), quatro Galerias (São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre), aquisições de acervos históricos e produção audiovisual contemporânea. Possui ainda, Reservas Técnicas nas áreas de Fotográfica, Música, Biblioteca e Pinacoteca - localizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro, além de um canal de rádio na internet, site e blog, e claro, a ZUM. Era de se esperar que a revista desse visibilidade para os projetos, exposições, artistas, curadores e críticos parceiros da instituição, o que nenhuma incorreção há nisso. A ZUM é também um canal que desdobra as ações do IMS para a área de fotografia, sem, no entanto, transformar-se em publicação tipo *chapa-branca*.

Outra novidade celebrada pelos produtores da área foi a criação da Bolsa de Fotografia do IMS, no valor de R\$ 65 mil cada. Em 2017, o prêmio chegou à sua quinta edição, oferecendo a oportunidade para dois artistas produzirem e aprofundarem pesquisas inéditas, no prazo de oito meses. Ao final dos projetos, a produção é incorporada ao Acervo de Fotografia da Instituição. Acervo, aliás, que em pouco mais de dez anos já havia se transformado numa das mais importantes coleções de fotografia histórica Brasileira e da América Latina.

Muitos títulos surgiram desde os anos 2000 sob o selo de editoras consagradas ou independentes, tentando atrair a atenção dos amantes da

fotografia, mas infelizmente a quantidade de lançamentos não é diretamente proporcional à qualidade estética ou intelectual dessas publicações. A maioria das publicações impressas antes dedicadas à fotografia voltou-se para as novas emergências criadas pela mudança do suporte fílmico analógico para o digital, apostando no fotógrafo de eventos, com foco no filão *Wedding*. Ensaios poéticos, fotorreportagens e oportunidade para trabalhos mais subversivos, experimentais e até artesanais cederam lugar nas revistas de imagem para anúncios de produtos fotográficos, cursos, peças promocionais de Feiras de fabricantes e insumos de um mercado em plena transformação. Nesse sentido, foram raras as publicações virtuais que se aproveitaram das facilidades dos meios digitais para abrir espaço em rede para produção e circulação de conteúdos independentes, como é o caso da Revista *Foto Grafia*, criada em 2009 por um grupo de pesquisadores e amantes da Imagem, de Balneário Camboriú/SC. Inicialmente intitulada Revista Acadêmica Foto Grafia, foi produzida pela LAPIS Comunicação e Cultura, em parceria com a Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). O projeto hoje é realizado de maneira colaborativa e incentiva a produção fotográfica com o intuito de disponibilizar conteúdo relevante para estudos e análises ligados ao ramo da fotografia e, conseqüentemente, da antropologia e das artes visuais. Todas as edições da revista estão disponíveis gratuitamente não só para visualização e leitura online, mas também para *download*⁶. O mais interessante da iniciativa é que a revista está aberta para receber artigos e ensaios colaborativos, além de divulgar eventos, Congressos, exposições e publicações do gênero.

Em tempos de e-Books e de compartilhamentos gratuitos de conteúdos digitais, parece pouco provável que o investimento em revista impressa seja ainda uma boa ferramenta para popularizar a produção artística em larga escala, já que por maior que seja a tiragem, sempre será limitada. O mercado editorial brasileiro está notadamente em crise – o encerramento das atividades da Cosac&Naify, por exemplo, parceira nas primeiras edições da revista não teve fôlego para manter o alto padrão de suas publicações no atual cenário nacional. Justamente por essa e outras razões que a *ZUM* veio preencher uma lacuna que fica entre a carência por mais publicações de Arte - com maior evidência para conteúdo visual – e os livros cujo conteúdo textual e o teor reflexivo normalmente não são ilustrados em função de altos custos editoriais.

Desde 2015, as edições da revista (*ZUM* #9, #10 e #11) já podem ser visualizadas quase na íntegra através de teasers que simulam um aperitivo das novas edições via site da IMS, porém, o conteúdo da revista até hoje não está disponibilizado integralmente nas plataformas virtuais da instituição, o que a esta altura já seria muito oportuno, uma vez que os primeiros números da *ZUM* estão esgotados há anos. Uma revista impressa, principalmente de arte,

6. A revista digital *FOTO Grafia* pode ser acessada in URL: <http://www.revistafotografia.com.br>

continua sendo uma excelente alternativa para renovar nossas bibliotecas, referenciar o pensamento crítico através de fontes confiáveis e indexadas, além de fidelizar o interesse de um público exigente que ainda valoriza o consumo de informação de qualidade com direito a entregar-se à fruição visual mais sossegada.

REFERÊNCIAS

- BOTELHO, Isaura. *Romance da formação: Funarte e Política Cultural, 1976-1990*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura / Edições Casa de Rui Barbosa, 2000.
- MAGALHÃES, Angela; PEREGRINO, Nadja. *FOTOGRAFIA NO BRASIL: um olhar das origens ao contemporâneo*. Rio de Janeiro: editora Funarte, 2004.
- MENDES, Ricardo. *Once upon a time: uma história da história da fotografia brasileira*. Anais do Museu Paulista, (n.6-7, 2003, p.183-206), Universidade de São Paulo. In URL: <http://www.redalyc.org/pdf/273/27300709.pdf>

Flavya Mutran Pereira

Doutora e Mestre em Artes Visuais pelo PPGAVI do Instituto de Artes da UFRGS, em Porto Alegre, onde mora desde 2009. Atua no campo da Arte e Comunicação desde 1989. Atualmente é professora Auxiliar no Departamento de Design e Expressão Gráfica da Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Expressões do Múltiplo CNPq- PPGAV/IA/UFRGS.

(*) Texto submetido em agosto de 2017.